



PEQUENA OBRA DA DIVINA PROVIDÊNCIA - DOM ORIONE -

- PROVINCIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA - BRASIL NORTE -

Brasília, 21 de agosto de 2016

Circular n. 23

Caríssimos Confrades,

Paz e bem no Senhor!

No momento em que deixo o serviço provincial para assumir uma nova missão na Congregação, quero expressar meu agradecimento a todos os confrades da Província e pedir, humildemente, a oração de todos. Renovo o meu propósito de recordar sempre o trecho do Evangelho do dia da eleição como Superior Geral quando o Senhor ordenou: “*Seja servo!*”. Portanto, com a proteção divina, com a intercessão de Nossa Senhora, com a assistência constante do nosso Santo Pai Fundador e com a ajuda fraterna de tantos religiosos e leigos espero prestar o serviço “de servidor” que me foi solicitado pelos membros do 14º Capítulo Geral.

Aproveito este momento para agradecer os membros do Conselho Provincial que compartilharam comigo a missão de coordenar a Província. Meus agradecimentos, portanto, ao Pe. Otávio Marques Ferreira, ao Pe. Magno Guilherme Angeli, ao Pe. Francisco de Assis Silva Alfenas, ao Pe. Josumar dos Santos, ao Pe. Amilar Eurides Giuriato e ao Pe. Geovani dos Santos Pereira. Que São Luís Orione, nosso Fundador, recompense pela intercessão a Deus todo o esforço empreendido para o bem do nosso serviço de coordenação e de animação.

Uma nova etapa se iniciará no governo provincial, inesperada e curta, porque completará o triênio de governo até dezembro de 2017. Confiemos esta nova etapa à proteção da nossa Mãe e Celeste Fundadora. No início de setembro, depois da consulta realizada na Província, será nomeado um novo Diretor Provincial com os seus Conselheiros. Peço, desde já, a colaboração de todos porque o novo Conselho já partirá com a laboriosa missão de preparar as transferências de final de triênio dos diretores, que envolverá vários religiosos da Província. Neste sentido, tenho certeza que todos darão a sua contribuição na disponibilidade e no espírito de colaboração, com a intenção de “renunciar a si mesmo” para construir o bem da Congregação. Da minha parte, quero me inserir nesta dinâmica de contribuição e de ajuda, fazendo o que estiver ao meu alcance.

Talvez seja esperado, neste momento, um balanço dos 4 anos e meio à frente do governo. Vários motivos não me permitem esta possibilidade. Mas, provavelmente, nem seria uma boa ideia. O que posso dizer agora, como síntese e interpretação deste período, é que me esforcei muito, que me doe sem reservas e que quis sempre alcançar o maior bem seja para a Província, enquanto estrutura, mas muito mais para a Província enquanto família religiosa, desde os mais jovens até os mais idosos, desde os vocacionados até o religioso de votos perpétuos.

Sinto-me privilegiado por este serviço que me foi confiado na Província. É uma experiência única e muito enriquecedora. Sinto que aprendi mais do que ensinei. Sinto que fizeram por mim muito mais do que pude fazer pelos confrades. Sinto o dever de desculpar-me por alguma palavra ou atitude que não produziu o bem desejado. Sinto o dever de dizer que, neste serviço, pude conhecer melhor tantos confrades de altíssimo conteúdo espiritual, generosos ao extremo de não pensar em si mesmos e que, frequentemente, no escondimento e na simplicidade, enriquecem o tecido humano da nossa Província. Sou devedor a eles de tanto bem que me fizeram provocando-me para que eu pudesse ser também tão generoso, tão bondoso, tão gentil, tão puro, tão simples, tão orionita, tão perto de Deus e, por isso, tão

próximo dos irmãos e irmãs. Rezo por eles para que perseverem assim! Rezo por mim para alcançar esta mesma graça!

Renunciando a uma espécie de balanço, gostaria, no entanto, de apresentar alguns pontos de reflexão sobre a vida da nossa Província, relatando algumas questões que se apresentam como “vitais” para o nosso caminho. É uma reflexão pessoal, elaborada depois desta experiência de coordenação, é a minha contribuição neste momento.

A medida alta da vida

A competição olímpica, em realização no Brasil, é muito inspiradora, também para alguma consideração sobre a nossa vida. Penso, por exemplo, na competição do atletismo denominada “salto em altura” em que o atleta procura superar uma barra horizontal, alcançando alturas sempre superiores. Em tal desafio, ele procura superar a si mesmo e coloca objetivos sempre mais altos.

É altíssimo o *status* de vida espiritual alcançado por Dom Orione. A sua foi uma vida que se exprimiu num grau de espiritualidade muito elevado e tem caráter de excelência. De fato, é apresentado pela Igreja como “São Luís Orione”. Ele alcançou um nível tão alto e tão divino que o fez tocar o que somente se toca quando se chega a Deus, ou seja, toca-se a “carne de Cristo”, a humanidade sofredora e abandonada. Interessante paradoxo: quanto mais alto e mais divino (transfiguração), mais baixo se alcança e mais humano se toca (encarnação). É deste modo que a vida de Dom Orione se exprimiu: o coração no alto, o coração em Deus, para que todo o corpo estivesse a serviço das almas.

Para Dom Orione, a medida é alta, é a medida da santidade. Narrando, uma vez, com quem aprendeu a medir a sua vida segundo estas medidas tão altas, Dom Orione contou uma “estória” de Dom Bosco. Disse que o jovem João Bosco aceitou participar de uma competição proposta por um malabarista que estava fazendo muito sucesso na praça da cidade. Deixemos a narração com Dom Orione: *“O malabarista propôs ao jovem João Bosco o desafio de subir numa árvore e de ver quem alcançaria o seu ponto mais alto. João Bosco aceitou a proposta. O primeiro a subir foi o malabarista indo até o topo da árvore, tanto que ela balançava e parecia quase quebrar; o malabarista era destemido, determinado, persistente... O público aplaudiu e pensou que não era possível chegar a um ponto ainda mais alto. Mas João Bosco, corajoso, subiu até onde tinha ido o malabarista e depois se agarrou à planta jogando as suas pernas e os pés para cima, para o céu, a fim de superar o topo da própria árvore.”* E concluía Dom Orione: *“Vejam. Sempre para o alto, sempre para Deus, até mesmo com os pés, sempre; também com os sapatos, sempre para o alto... Este é Dom Bosco!... Isso ele nutriu em nós: sempre para Deus, sempre para o céu, sempre para o alto”* (Lo Spirito di Don Orione, Vol. VI, n. 28).

Se é assim para Dom Orione, deve ser do mesmo modo para os seus filhos. É um altíssimo ideal que deve nos empolgar. Não podemos pautar a nossa vida por uma baixa medida, segundo projetos mínimos e pequenos. Não podemos ceder ao raciocínio muito comum nestes nossos tempos de que “se determinado ideal é muito alto, então vamos reduzi-lo”. Isto seria a morte dos grandes ideais (é a morte do “*para sempre*” da nossa profissão), é a morte dos grandes projetos (“*por toda a vida*”), é a morte da doação generosa (“*totalmente*”). Vale gastar a vida por um sonho, um ideal, uma vocação, uma missão de “alto nível” com a consciência de que ninguém – nem atleta olímpico e nem religioso – consegue alcançar as “medidas altas” pautando-se pelo desencanto, pelo desânimo, pelo espírito pouco participativo, pela falta de

companheirismo e de fraternidade, ou se lamentando de arrependimento por causa da opção que fez. Quem assim se comporta é perdedor, e da pior espécie, perdedor na partida, perdedor sem competir.

Deixemos, no entanto, a imagem olímpica e passemos a uma imagem religiosa. Imaginemos uma procissão. Sim! Uma procissão, daquelas do interior de Minas ou de outros lugares de tradição religiosa popular. É uma imagem interessante. A procissão só existe e acontece porque alguns decidem caminhar e cumprir aquele ato religioso. Eles rezam, cantam, caminham, carregam o andor, respondem positivamente aos apelos dos animadores e, graças a eles, a procissão existe e o evento é realizado. Todavia, por onde passa, a procissão costuma encontrar um público de observadores, ou seja, dos que decidem permanecer à margem ou na janela, vendo a procissão passar. A reação destes pode ser variada: alguns vendo o movimento e a beleza da procissão tomam coragem e se envolvem; outros ficam na janela, normalmente passivos, às vezes criticando e elencando os defeitos, quiçá tentando tirar alguém da procissão para fazer companhia na janela da desolação. E existe ainda um outro grupo, aquele que fica lá dentro de casa, não quer ver e nem ser visto, vive trancado, não se envolve, escuta a movimentação, o canto, mas nada é capaz de tirá-lo do seu mundo particular e dos seus próprios interesses.

A Província, a Congregação como uma grande procissão. A procissão dos missionários da “primeira hora” e de todas as outras horas da nossa história. Dos missionários do trabalho criativo, da doação sem limites, do envolvimento carismático e pastoral sempre enriquecido com novos ideais e desafios, do entusiasmo e do desejo de servir, de servir bem e sempre melhor. Os religiosos que colocam uma “medida alta” na própria missão, na própria vida.

Eis uma questão vital para cada um de nós e para a Província. Na “procissão da Província” o desafio é continuar aquecendo o coração dos participantes, conseguir envolver os que estão na margem ou na janela, conquistar os que estão escondidos e retraídos para que assumam um alto projeto de vida. E a lição da “procissão” nos ensina que aliar-se com os que comungam dos mesmos propósitos, com os generosos e esforçados - não necessariamente perfeitos -, é um bom negócio. A fraternidade pode sim motivar, impulsionar e encorajar para alcançar “altas medidas”; pode ajudar a ser ousado e decidido nas próprias convicções. E este é um outro desafio.

Testemunho da Comunhão Fraterna

Permaneço com a referência ao espírito olímpico para constatar que nenhum outro evento evidencia tanto os valores da solidariedade, da visão de equipe e do empenho coletivo como as modalidades esportivas concentradas nas Olimpíadas. Além de proporcionar a consciência de que eu preciso do outro na execução da minha prova, sabendo que o resultado será um bem para todos os envolvidos. É vencedor (não necessariamente medalhista) quem consegue uma boa sinergia de grupo e de equipe, mesmo nas competições ditas individuais.

Nosso Pai Fundador já conhecia e divulgava a “fórmula de sucesso” do grupo unido, com relações fortes, sinceras e autênticas. Num texto que entrou nas nossas Constituições como parte integrante de um dos seus artigos, afirma: *“A Congregação prosperará e será abençoada por obra de todos os que contribuirão a manter a união e a paz. Nossa força está na união, cujo vínculo é o Cristo.”* (Const. Art. 59).

Sobre a qualidade da nossa vida em comum, sobre os valores da fraternidade e da solidariedade entre nós, vem à minha mente a recordação da palavra de dois bispos, em

momentos e locais distintos. A recordação de um bispo que ao ser questionado se tinha alguma orientação para a comunidade religiosa orionita presente na sua diocese, empenhada com tantas atividades, recomendou apenas uma especial atenção ao testemunho da vida fraterna. Recordo ainda o conhecimento de um outro bispo que, ao receber o Superior intencionado em abrir uma comunidade religiosa na diocese, ao invés de perguntar primeiro “*O que vocês fazem?*” ou “*Qual o carisma de vocês?*”, perguntou: “*E vocês, como vivem?*”.

Como vivemos? Pergunta inquietante que não pode calar. Sem dúvida, numa humilde, mas sincera, avaliação da nossa vida em comum, constatamos, em muitas comunidades da Província, a necessidade de uma verdadeira e urgente conversão para conseguir criar, em nossas casas, um ambiente onde se viva juntos em simplicidade, fraternidade e partilha. É verdade que temos muitos exemplos bonitos de convivência comunitária e que não são poucos os que vivem de modo autêntico o desejo de crescer no relacionamento e na fraternidade. Mas também encontramos entre nós alguns sinais de alerta que exigem atenção. Cresce entre nós um certo individualismo caracterizado pelo diálogo frágil, relações pouco serenas, formais, indiferentes e superficiais. Infelizmente, temos alguma comunidade que vive apenas a formalidade de um relacionamento e não podemos deixar de reconhecer que temos alguma situação em que as dificuldades na vida comunitária são resultado de fragilidades pessoais que exigiriam até um acompanhamento terapêutico sério.

É uma pena que, com certa frequência, nós acrescentamos aos problemas administrativos e econômicos, geralmente graves, a própria indisponibilidade em trabalhar em harmonia, respeitando as instâncias constitucionais de decisão e de programação, o que contribui para agravar ainda mais qualquer problema.

Em algum momento, ao tratar questões da Província, tive a impressão de que nos deixamos dominar pelo complexo do Rei Midas, aquele personagem da mitologia grega, que tinha o poder de transformar em ouro tudo aquilo que tocava. Atacados por este complexo, pensamos e agimos assim: somente o que eu toco, somente a minha solução, somente o meu projeto, a minha visão é que “vira ouro”. E não percebemos que agindo deste modo, sem respaldo comunitário, sem a contribuição do confrade, sem as aprovações nas instâncias provinciais e gerais nos isolamos e um dia nos descobrimos sozinhos e angustiados.

É sempre importante estar atento a evitar aquele juízo expresso no documento “Vida Fraterna em Comunidade” que identifica os “construtores de comunidade” e os “consumidores de comunidade”. “Consumidor” seria quem vive no ambiente comunitário, mas só pensa em si mesmo numa completa ou parcial inatividade, exigindo desfrutar de todos os direitos que a comunidade pode oferecer e burlando, o mais possível, os deveres para com a mesma comunidade e com seu ser religioso. Graças a Deus, porém, prevalecem na Província os “construtores”, os que cada dia, sem alarde, ordinariamente, como forma de vida, se esforçam para permanecer unidos, superando alguma limitação ou dificuldade, vivendo autenticamente a sua consagração.

Temos muitos dons bonitos a oferecer, muito mais numerosos e qualificados que as nossas “limitações”. É edificante notar tantos confrades, especialmente aqueles das várias periferias da Província, que não obstante alguma dificuldade se identificam plenamente com a missão Orionita, dão sentido ao sacrifício e são capazes de fazer esforços grandiosos para colocar no “candeeiro do Evangelho”, bem no alto, “a lâmpada da fraternidade”. Isto nos embeleza e engrandece, humildemente, perante Deus.

A questão Vocacional

A questão vocacional não é distinta da questão do testemunho da vida fraterna. Pelo contrário, está muito interligada. Já dizia Dom Oriane: “*Uma comunidade bela e forte, onde se vive a doçura da concórdia dos corações e a paz, não pode deixar de ser benquista e desejada*” (Cfr. Const. 86). O primeiro sinal vocacional, então, vem da vida edificante e fiel da Comunidade.

Ao longo dos últimos anos fizemos um esforço no âmbito da promoção vocacional. E acredito que o esforço da Província foi recompensado. Todavia, é importante continuar mantendo a atenção elevada no campo da promoção vocacional, quem sabe nos aperfeiçoando mais numa promoção que vise criar (ou reforçar) uma “cultura vocacional” em nossas Comunidades, Obras e Paróquias. Infelizmente, parece que somos ainda reféns de um estilo que “delega” a alguns religiosos, ditos “Promotores Vocacionais”, a preocupação pelas novas vocações. Este é um “pensamento anestésico” que alivia o peso da nossa responsabilidade, já que “terceirizamos” o nosso dever pessoal e religioso a alguém que, em nosso nome e sob a nossa pressão, vai correr atrás dos vocacionados.

Para compreender o alcance e o poder, negativo e deletério, deste modo de pensar, bastaria indagar quais paróquias orionitas e quais comunidades colocaram a “questão vocacional orionita” como uma prioridade, ou como merecedora da particular e intensa atenção de algum religioso da Comunidade. De fato, tem-se a impressão de que são poucos os que dedicam tempo e energia para um constante e estruturado trabalho de promoção vocacional. Urge, portanto, recolocar de modo criativo a “questão vocacional” entre as nossas prioridades pessoais e comunitárias, sabendo que o processo posterior, de conhecimento e de seleção, é igualmente importante.

Reavivar o fogo da caridade

Visitando as Comunidades da Província nestes anos de governo provincial, pude constatar com alegria, e até com alguma surpresa, que o dinamismo do carisma orionita é bem concretizado na vida cotidiana de tantas obras. Por mais de uma vez verifiquei que *se fala pouco daquilo que se faz a cada dia como forma de caridade orionita*. E isso me fez dizer algumas vezes que nos esquecemos – talvez por certa modéstia – que nosso empenho carismático nos impele a *fazer falar* as nossas obras, não para que sejamos idolatrados, mas para que a maternidade da Igreja seja reconhecida e amada. A próxima realização do “Fórum da Caridade Orionita” tem o objetivo de reparar esta lacuna, divulgando a caridade que se faz, em variadas formas, em Araguaína.

Por outro lado, em nossa Província podemos e devemos fazer mais, sobretudo no sentido de alguma atividade mais radical na linha caritativa e menos institucionalizada. É necessária uma mudança de mentalidade: em tantos lugares carentes de uma obra caritativa não precisamos começar de modo ambicioso, com uma grande construção, mas de forma simples, implementando pequenos projetos, talvez através de alguma associação, que seria organizadora de iniciativas simples de formação e capacitação da juventude ou de pequenas ações em prol das crianças.

Sobre as nossas obras mais tradicionais, para não perdermos o rumo dos tempos e para estar à frente deles, vejo que devemos considerar com mais seriedade a proposta do Secretariado Geral para as Obras de Caridade que, no último sexênio, propôs que se fizesse, juntamente com o tradicional balanço econômico-financeiro, também um balanço apostólico-carismático. Isto nos ajudaria a fazer um questionamento vital: A obra está realizando a sua missão? É mesmo uma obra de caridade orionita? Esta estrutura está a serviço da missão carismática ou somos nós que estamos a serviço de uma estrutura? Somos capazes de leva-la à

frente? A resposta a estas questões, e o próprio questionamento, são o modo, o segredo para manter a obra em constante dinâmica de renovação e atualização, evitando-se o risco de condicionar os religiosos a viver apenas em função das estruturas.

Uma palavra é necessária sobre as nossas Paróquias. Várias vezes foi evidenciado que um número expressivo de sacerdotes da Província está envolvido nas atividades paroquiais. Este é um dado. Mas para que seja um dado positivo é preciso manter e reforçar a consciência de que a Paróquia deve efetivamente se tornar uma instância para a concretização do carisma. Isto poderá ser realizado de diversos modos, particularmente evidenciando a dimensão da vida religiosa da Comunidade que serve à paróquia e fortalecendo a sua dimensão caritativa nos projetos pastorais e nas prioridades paroquiais.

Questões administrativas

“Que Província queremos?” Por várias vezes e em diferentes momentos coloquei esta pergunta para mim mesmo e tive a possibilidade de apresentá-la também aos confrades. Considerei sempre a importância, pelo menos, de uma discussão sobre o “modelo de província” que temos e que precisaríamos ter para corresponder, hoje, a quanto nos pedem as Constituições. Esta indagação se tornou particularmente necessária nos últimos tempos por causa de alterações e de inovações na legislação civil brasileira em relação com a Santa Sé. Mas também para tentar chegar a um “modelo” administrativo provincial mais eficaz segundo os critérios de uma sábia administração e de um modelo que nos dê condições de viver, o mais plenamente possível, a vida consagrada. Por isso acredito que a questão é vital!

A Província, do ponto de vista administrativo-religioso, tem objetivos muito precisos, delineados pelos nossos documentos normativos. Ela deve ser a instância de animação dos religiosos e das comunidades, deve sustentar as casas de formação dos futuros religiosos, deve ter condições de apoiar financeiramente alguma casa em dificuldade ou amparar algum projeto de caridade ou ainda ter condições de socorrer alguma necessidade pessoal, deve também pensar no futuro dos religiosos e prover o seu patrimônio.

Desde 1985, quando foi formada a “nova” Província, todos os Religiosos encarregados da administração, deram a sua contribuição para que a estrutura provincial se consolidasse. Tivemos muitos ganhos e conquistas. Agora, sinto que precisamos avançar, sobretudo no sentido de uma gestão mais profissional e transparente para assegurar crescimento sustentável, comunhão e partilha, controle e dependência dentro dos limites e necessidades da Vida Religiosa. Esta profissionalização da gestão deveria alcançar também as obras e outras nossas instituições, evitando amadorismo administrativo, independência absurda e até mesmo alguma situação desagradável do ponto de vista financeiro e administrativo. O reordenamento jurídico da Província, através de um novo Estatuto que nos situará como “Organização Religiosa” e não mais como Associação, é o passo que pode ser finalizado proximamente. Mas outros precisam ser dados, em particular será necessária uma revisão dos Estatutos das várias Associações existentes.

Bem sabemos que para incrementar o autêntico espírito de família e de recíproca colaboração e corresponsabilidade, é necessário dar atenção e prioridade a algumas ações pontuais como, por exemplo, operar para que em todos os níveis (provincial, local e pessoal) se respire uma grande transparência na administração dos bens econômicos; operar para evitar a obsessão por uma poupança econômica particularizada na Casa e considerar mais alguma forma de reserva econômica na Caixa Comum Provincial; operar para assumir com mais disponibilidade os gestos de partilha orientados pelas Constituições, como contribuição provincial e devolução da aposentadoria; operar para que a Pequena Obra, a Congregação, seja a

titular privilegiada do Patrimônio. E tantas outras ações que saberemos implementar, com inteligência, para fortificar a nossa identidade de família orionita.

Enfim, é importante dizer uma palavra a respeito da situação de crise pela qual passa o País, com sérias consequências sobre o nosso povo e também sobre as nossas Obras e atividades. A motivação é a crise, mas as atitudes que serão recomendadas ultrapassam este momento. São “atitudes orionitas” do nosso bem viver. São a interpretação da resposta que Dom Orione daria e que nós, seus filhos, damos em seu nome:

- Confiança na Divina Providencia: em situações difíceis a nossa confiança deve ser reforçada e vivenciada no estilo ativo e sensato de Dom Orione; precisamos rezar; precisamos manter acesa a chama da esperança no coração do nosso povo;
- Fazer caridade: nos momentos de crise é que se agravam as situações pessoais e familiares; os pobres ficam mais visíveis e são mais numerosos; o que podemos fazer por eles?; como mínimo, oferecer o sustento espiritual e a nossa proximidade, através de tantas iniciativas pastorais e carismáticas; cada comunidade deveria se sentir motivada a pensar alguma inovadora ação concreta – mesmo simples – como resposta ao agravamento da crise;
- Encorajar os benfeitores a continuar colaborando para com as nossas obras de caridade, evidenciando melhor o bem que é feito com a colaboração deles, também através de informativos e da prestação de contas; sabendo que alguns benfeitores partilham suas economias com muito sacrifício, às vezes privando-se de alguma coisa, nós usaremos rigorosamente a doação deles para a caridade e não para o supérfluo;
- Viver pessoalmente e como Comunidade religiosa com austeridade e sobriedade, como vivem certamente este momento também as nossas famílias; procurar economizar em tudo o que for possível; em algum caso parece até necessário recuperar o valor primário da honestidade que evitaria o “furto” e a apropriação indevida de recursos que não são pessoais;
- Enfim, é tempo de maior rigor na administração e nas finanças; às vezes pequenas decisões e reestruturações geram grande economia; no que diz respeito à execução de novos projetos e de novos trabalhos, realiza-los se são extremamente fundamentais, neste caso evitar o luxo e o exibicionismo.

Caríssimos Confrades, na conclusão desta Circular, permitam-me recorrer a mais uma imagem olímpica. Sempre achei fascinante a competição do atletismo chamada de “Revezamento” em que o percurso (100m ou 400m) é realizado por quatro atletas e cada um deve percorrer seu trajeto, passando entre eles, dentro da zona de transmissão, um bastão chamado “testemunho”.

Por que aquele bastão é chamado de “testemunho”? Não sei. Mas é muito interessante a imagem que inspira. Na corrida, o momento mais delicado é justamente o da passagem do bastão. Naquele instante, na velocidade, é fundamental – sob pena de desclassificação – não deixar cair o “testemunho”. Sim, neste momento de passagem no governo provincial, é necessário estar atento a não deixar cair o testemunho. Não deixar cair o testemunho da perseverança no bem, o testemunho da caridade fraterna, o testemunho da colaboração a quem vier guiar a Província, o testemunho da continuidade nas propostas e orientações de longo alcance para o governo provincial.

E quem é o vencedor nesta corrida? Toda a equipe vence. O primeiro atleta comemora a mesma vitória do atleta que completou o percurso. Todos são vencedores. É a vitória de cada um

e de todos, de quem se doa completamente, esforçando-se ao máximo. Seremos vencedores assim também! O “técnico” é o nosso Santo Pai Fundador. É experiente, não é um simples teórico. Ele viveu o que transmite com tanta propriedade. Ele nos passou o “testemunho” e agora toca a nós a continuidade do trajeto, cada um com o seu precioso “testemunho”. Ele é nosso orientador, mas sobretudo incentivador. Sua expressão costumeira de incentivo, de encorajamento, de confiança se exprime assim: “*Ave Maria e avante!*”.

Caríssimos, neste momento de “passagem”, de mudança, sinto o conforto das palavras que ressoam dentro de mim: “*Ave Maria e avante!*”. Peço, então, uma Ave Maria por mim.

Fraternalmente,

Pe. Tarásio Vieira